

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo--Sabbado 16 de Abril de 1887

Diário da manhã--Anno IX--Num. 2321)

A PATRIA

é publicação diária e da manhã. — Sabe pela typographia do seu nome

DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA

TELEPHONE «LA URUGUAYA» N. 293

Tem no seu corpo de colaboradores, escriptores conhecidos na imprensa brasileira.

Tem correspondentes nas capitais da Europa e nas principais cidades da América do Sul. Tem agências em todos os departamentos da Republica, nas povoações da fronteira com o Brasil e com a Republica Argentina.

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade : . . . \$ 1.20

PARA FORA

Semestre \$ 8.00

Anno \$ 15.00

Numero do dia \$ 0.10

Atividade \$ 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (impedia papel réis) 10000

Anno 36000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.

A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retirada do correio. Sempre deve ella ser dirigida ao Director. Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

As publicações «A patria» serão cobradas segundo a tarifa da Administração.

A PATRIA

MONTÉVÍDEO, 16 DE ABRIL DE 1887

A imprensa brasileira e D. Maximiliano

Devemos á illustração da redacção do *El Dia*, o interessante artigo de hoje, publicado no seu numero de 14, ao qual faz justiça a imprensa brasileira, principalmente a *Iluminación*, pelo modo digno e independente com que tem julgado o ex-presidente uruguayo, alli deportado. Diz assim o seu interessante artigo:

Dava o povo oriental á imprensa brasileira, á principal da do Rio de Janeiro, o grande serviço de ter morto moralmente no Imperio a personalidade politica de D. Maximiliano.

Estas relações de boa vizinhança que entraram nassem desapercibidas, constituem na Europa um dos mais tenazes e difficeis empenhos dos governos dos partidos politicos e dos mesmos povos.

Tendo-se caracterizado theoreticamente o direito publico internacional, mais neste seculo que em qualquer outro, pelo classificado principio da *non intervenção* (que absolutamente é falso), contrariados os povos tem sentido agora mais que nunca, que assim como não ha homem sem homem, também não ha povo que possa passar sem mutuamente praticar bonos relações uns com os outros, por mais distanciado que estejam, e sem assegurar-se certo ascendente moral nos puros seus vizinhos, sejam estes pequenos ou grandes, do mais ou menos poderosos.

Assim é que na Europa os partidos politicos, como as nações vizinhas, entre si mantêm relações estreitas e permua de influencias reciprocas. Os governos, abrigados pela conveniencia e mesmo pela necessidade do desluzo, algumas vezes contra o ascendente superior das opposições, vêm-se na collis de gastar

grandes sommas para garantir seu grande ascendente moral politico ou financeiro nos paizes limitados por suas fronteiras.

D. Maximiliano pagou tributo a essa mesma necessidade. Contrariando constantemente pela imprensa da opposição, inferior sempre á realidade nas descrições dos horrores do seu governo, procurou assalar jornais e publicações que no interior e exterior de seu paiz o fizessem aparecer como o salvador da sua propria patria, como um Moyses desconhecido, o tratado de tyranno por um povo ingrato, mais digno de uma *cunha de força* que de um governante da sua talha.

Não foi pequena fortuna para a Republica Oriental do Uruguay, para a imprensa de opposição, com risco da propria vida dos seus escriptores, tenha podido inutilizar com sua constante propaganda as nuvens de adulação vil que envolviam o throno do pequeno tyranno nos dias mais prosperos do seu governo.

E deve ser um cruel desenganho, na actual situação de D. Maximiliano Santos, considerá-lo no estrangeiro, materialmente respeitado, gosando como um sybarita, opulento como um Creso, podendo incapaz de impedir, nem mesmo tirando os olhos com cédulas, que a gente o olhe com essa curiosidade ávida e despresadora com que o povo costuma olhar os monstros.

A imprensa do Rio de Janeiro deu n'esse ponto um alto e nobre exemplo de desinteresse em sua louvavel propaganda e de consideração á Republica Oriental do Uruguay.

Ignoramos si D. Maximiliano Santos tratou ou não de comprar á bonavolencia, ou mesmo o desdenhoso silencio da imprensa do Rio de Janeiro. Para um homem, como elle, possuidor do delirio das grandezas e pretendente eterno á dominância de sua terra, ter-lhe-hia sido, de grande importância, garantir seu ascendente moral na terra brasileira; ou pelo menos, não ser posto em transparência, e perder de tal forma ante a opinião publica do Imperio, como se lhe causasse uma especie de morte civil e politica em um theatro tão a proposito para as suas operações.

Sendo assim, não pôde haver duvida alguma, que si a imprensa brasileira tivesse sido uma imprensa venal e loquaz, ter-se-hia offerecido em competencia á D. Maximiliano Santos, pugnando pelo interesse que tem elle em não ser morto moralmente, e ao governo oriental, por identico interesse que tem, em que D. Maximiliano Santos não possua ascendente moral da nenhuma classe em um paiz tão vizinho.

Rogada ou não por D. Maximiliano Santos, a imprensa brasileira, seu merito e seu desinteresse, dariam resultados igualmente louvaveis, desde que ella propria, podendo offerecer-se, proferir manter-se em digna e leal attitud, sem outro estímulos que o da verdade, nem outra recompensa possível que a satisfação de seu bom procedimento.

O que povos e governos, nas condições do oriental, pagam em outras partes por elevado preço, a imprensa brasileira deu ao povo oriental espontanea, generosa e cavalheirescamente, iniciando no Rio de Janeiro uma campanha de opinião contra o homem funesto, vergado de sua propria patria, que fugindo de Buenos Aires, o natural asilo de orientales pela afimidade de costumes e de idioma, suppoz accessos encontrar no Rio de Janeiro um nival moral bem distincto do que encontrou.

A imprensa brasileira com excepção do *Paz*, que para maior contraste moral dizem que é orgão das idéas republicanas, tem direito á plena gratidão do povo oriental e o carregou com uma divida enorme que pôde mesmo exceder ás raiz da gratidão.

Figuram á frente d'essa campanha orgãos de importancia como o *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, o *Diario de Noticias* e outros.

Louvor a elles!

Entretanto, seja nos permitido lamentar com referencia ao *Paz*, redigido pelo

Sr. Quintino Hecayeva, este novo exemplo de que os republicanos da palcos monarchicos, não é a gente mais firme, do mais não a de mais desinteresse do criterio no paiz onde residem.

Na America, como na Europa, ainda que o *profundus vulgus* supponha outra coisa, o liberalismo e o amor á democracia resolvem-se em muitos casos em amor do *rio retento*, *ganancia de pescadores*, o que é bem lamentavel, em attenção ao futuro d'essa mesma democracia.

Corrales o Paso Hondo

A MATANÇA DE BRASILEIROS

(CURTA AO SR. BARTO DE COTEGIPE)

Por uma testemunha ocular

VIII

Mais quatro mortos

Deva lembrar-se o Sr. de Cotegipe, seguindo narrei em um dos capitulos anteriores, que esta tragedia do Corrales teve causa nas denuncias de um mulato cosinheiro (ranchero), que vendeu o segredo da seus amigos e compatriotas, pois era brasileiro, isto é, se havia tal segredo, como o fim de obter sua liberdade e assim captar-se quando menos a benevolencia do Commandante e dos officiaes.

Posso garantir-lhe que o desgraçado denunciador teve um fim desastroso, como mais abaixo vai ver.

Dous dias depois das execuções foi chamado pelo Commandante e prevenido de que estava em plena liberdade de excluir completamente do serviço militar. Disse-lhe que podia dirigir-se ao lugar que melhor lhe parecesse, para o qual se lhe daria cavallo, roupa e algum dinheiro, pois, isto se lhe offerecia em recompensa da denuncia dada sobre a tal conspiração.

O mulato accitou mostrando contentamento a essa mesma tarde, preparando um magro cavallo que lhe deram, dos melhores que tinha o acampamento, na parte opposta do arroyo Corrales, partito, levando muita roupa, quasi toda que pertencia aos presos, e alguns vinténs que lhe deu o Commandante.

Confesso que este procedimento causou admiração em todo o acampamento, pois era crível, ante o rigor usado de não dar em plena liberdade a aquelle individuo.

Conviria isto ao Commandante Joaquim Santos, depois do que tinha havido em Corrales?

Não temeria elle que este individuo denunciasses os crimes praticados logo que estivesse a certa distancia do acampamento, no territorio brasileiro, para onde dizia dirigir-se?

Estas e outras observações foram feitas entre os officiaes, porém no dia seguinte ficaram destruidas com uma noticia recebida: um sargento da tropa, conhecido pelos seus instinctos sanguinarios, e a quem tratava com especial attenção o Commandante Santos, sahio do acampamento e dirigiu-se ao cavallo do Corrales, acido estava a cavallada da tropa e trouxe a noticia de que o partido cosinheiro, tinha sido encontrado morto alli proximo e que o seu cadaver estava degollado e apresentava numerosas feridas de arma branca.

—Está claro, exclamou logo o Commandante Santos, evidentemente, quando recebeu a noticia. Tinha isso mesmo que succeder, seus proprios compatriotas provavelmente o mataram por causa da traição que lhes fizera. Eu mesmo lhe disse que não se fosse, nem se partisse do acampamento.

E' preciso ter verdadeira audacia para assim mentir, pois, a maioria dos officiaes, vio quando o Commandante Santos instou com o infeliz para que se retirasse do acampamento visto lhe ter dado a liberdade.

O mulato pagou com a vida o segredo que parecia possuir, e não se tornou a fallar mais n'esse assumpto.

Aos presos, tirou-se o *rejo de la paz*, supplício que soffreram durante tres

dias, sendo porém tratados com maior rigor.

O Commandante deu ordem de que a instrução se fizesse debaixo de continuação varial, a assim se fazia.

Um mez soffreram este castigo diario os reclusos brasileiros, até que resolveu-se enviar os a Montevideo. Os tenentes Lagos, Borges e outro official, cujo nome não lembro, foram comissionados para condução d'esses infelizes.

Além das rigorosas instruções que lhes foram dadas, o Commandante Santos, na occasião de estar prompto o pelotão para a partida, lhes disse em voz alta:

—Si algum d'esses macacos, na marcha quizer disparar, já sabem o que *deverá fazer*. Os mortos não fallam.

Estas foram as ultimas palavras que dirigio aos officiaes.

Aos 25 ou 30 presos que seguiam viagem, cuja maioria eram brasileiros, havendo alguns argentinos, paraguayos, e espanhóis e poucos orientales, se lhes deu os melhores cavallos que tinha o acampamento e logo que montaram, ataram-se-lhes as pernas por debaixo da barriga dos cavallos, atando-se-lhes também os braços pelas costas. Pareciam réus condemnados á morte e a causava verdadeira compaixão a aquelle triste quadro.

Os cavallos em que montavam os presos iam sem freio e uma corda do couro atada ao pescoço da cada um dos animes tinha o seu extremo atado na sincha dos cavallos que montavam os soldados da escolta.

Desse modo se emprehendeu a marcha.

O destacamento de Corrales ficou reduzido a uns 25 homens, mais ou menos, entre elles a banda de cornetas; porém o Commandante Santos estava empenhado em occultar a diminuição da força e fazia que todos os dias de manhã a banda de clarins e tambores tocasse durante duas ou tres horas. D'esse modo se occultava aos habitantes vizinhos do lugar certos castigos dados aos soldados.

Dous dias depois da partida, dos presos, recebeu-se um *proprio* enviado pelos tenentes Borges e Lagos para communicar ao Commandante graves noticias, as que não é unnoveram o fígido.

Segundo as communicações trazidas, os officiaes tinham sido forçados a matar a tres dos presos que conduziam, porque tentaram fugir.

Este novo sangnolento successo teve lugar no Paso Hondo, e os mortos eram tres brasileiros, segundo dizia a parte official mandada pelos referidos tenentes. Os tres cadaveres tinham sido encontrados no barranco do mesmo *Paso*.

Tive occasião, eu mesmo, de ouvir a narração do facto criminoso que fez o mesmo *proprio*, que era um soldado antigo e de bons costumes, e ao ouvir o convencimento do que esses tres brasileiros mortos no Paso Hondo, tinham sido barbaramente assassinados, pouco mais ou menos e talvez sem tanta crueldade, como os que foram executados anteriormente.

O brasileiro Brinco e seus outros dous compatriotas assassinados, deveriam ter sido sentenciados á morte pelo commandante Santos, antes de abandonarem o acampamento, e assim se explicam as palavras amargoras que o mesmo Commandante dirigio na occasião da partida aos officiaes comissionados, isto é:

—Si algum d'esses macacos quizer disparar, já sabem o que *deverá fazer*. Os mortos não fallam.

E' preciso notar também a circumstancia de que os tres brasileiros assassinados no Paso Hondo, estavam indicados como comprometidos na projectada sublevação de Corrales.

Accrescente-se tudo isto á frialdade e naturalidade com que o Commandante Joaquim Santos recebeu a noticia do successo do Paso Hondo e se completam as presumpções de que Borges e Lagos executaram ordens recebidas.

(Continua.)

ECHOS DO BRASIL

Rio de Janeiro

Pelo paquete italiano «Europa» receberamos hontem folhas da capital do Imperio, cujas datas alcançam até 9 do corrente.

—A imprensa da corte e da Pernambuco occupava-se constantemente com o naufragio do vapor nacional «Bahia».

—O paquete «Niger» trouxe para o Imperio 114 imigrantes.

—Da Europa chegou o Sr. de la Marlière, secretario da legação de França na corte.

—O producto liquido das esmolas obtidas pelo bando precatório na cidade de S. Paulo, a favor das victimas dos terremotos da Italia, attingio á quantia de 1339\$500.

—A bordo do paquete francez «Niger» chegaram da Europa: a Sra. Baroneza de Leathey e a Sra. Miranda Jordão, o principe da Berghes, o 2.º tenente da armada Antonio Julio da Oliveira Samudio, o engenheiro Charles Cantaville, o Dr. Louis Chouart, os negociantes Louis Sauvage, George Jaille e Henri Chardron, o corrector Jules Gerson, o abbade francez Paggioli Auguste de André, os Reys, Normand René e Antonio Borley, missionarios francezes, e o Sr. Francis de Medeiros Galvão.

Da Pernambuco: os Drs. Franklin Ferreira Sampaio, Antonio Tavares Belfort, João da Moraes e Mattos, Emeterio Martins, Fernando de Bacellar Fontenella e Alberto do Nogueira, ultimamente formados pela faculdade da direito do Recife.

—A respeito do naufragio do «Bahia», contou um passageiro vindo da Pernambuco, o seguinte:

—Tambem appareceram outros dos naufragos que embarcaram no bote com o commandante Isaac. E' o Sr. Carlos Augusto da Silveira, agente de uma casa commercial do Liverpool; não sabendo nadar, atarracou-se a uma capoeira de galinhas, que passou boiando perto della, até que foi salvo. Sua mulher, virá a bordo do «Valparaíso», que naufragou.

—Até á data da partida do «Niger», do Pernambuco, no principio do mez, ainda não tinha partido para o lugar do sinistro o cruzador «Medusa» designado para procurar os cadaveres.

—Na véspera da sahida do «Niger» do Pernambuco o vapor «Jequiá» abalroou um navio do porto do Recife, quebrando-lhe o mastro.

Petropolis, 8 de Abril.

Houve perdão hoje. O despacho imperial começou ás 11 horas da manhã e acabou ás 3 da tarde. Estiveram presentes os Sr. conselheiros Mac-Dowell, ministro da marinha, e Joaquim Delfino, ministro de justiça e interino da guerra, e os officiaes de gabinete Benedicto Bueno e Gomes Pereira, esta da marinha e aquella da justiça.

—Diz o *Jornal* da ultima data:

«Telegrammas recebidos hontem de Petropolis asseguram estar S. M. o Imperador sem febre e ter deixado o leito».

Ainda assim, resolveram ante-hontem de manhã os medicos assistentes, com permissão do Sua Magestade, convidar outros facultativos da imperial camara para uma reunião medica, a fim de serem ouvidos relativamente á enfermidade do seu curso.

Para isso foram avisados, hontem mesmo, os Srs. Barões da Villa da Barra, Ibituruna e Lavradio, Visconde da Souza Fozes e conselheiro Ribeiro da Almeida, que devem partir com o Sr. conselheiro Albino do Alvaranga, hoje, pela barca que larga ao meio dia da ponte da Prainha, do modo que se faça hoje mesmo á tarde a reunião em Petropolis, pois que Sua Magestade contém partir amanhã da manhã para a fazenda de Aguas Claras.

—O paquete «Europa» trouxe para o Brasil 161 imigrantes.

—O Sr. capitão da fragata Augusto Maximiano Baptista, vai apresentar ao Sr.

ministro da marinha o seu pedido de reforma.

—Santos, 6 de Abril.

Entrou o paquete allamão «Heronprinz Fr. Wilhelm», tendo a bordo 532 imigrantes belgas e portuguezes, que partiram immediatamente para S. Paulo.

—Estava gravemente enfermo, tendo já recebido os sacramentos da Igreja, o Sr. senador Joaquim Antonio Fernandes Leão.

—Lê-se no *Jornal* de 7:

O conselho administrativo do Club Naval, tendo recebido communicação da que a mãe do desventurado Dr. Manoel Carlos de Azevedo Ribeiro, victima do naufragio do vapor «Bahia», se acha em extrema pobreza, o sem attimo, resolveu levantar uma subscrição popular com que acudir aquella infeliz senhora. Com esta não será por esta occasião tão dolorosa que pela primeira vez se desmentia a mesquinha caridade da nossa população.

—Foram nomeados desembarcador da relação da Halem o juiz do direito José Secundino Lopes de Gómezes, e para o de S. Luiz o desembarcador Joaquim Tavares da Costa Miranda.

—Foi submettido a conselho da investigação o tenente-coronel Manoel do Azevedo do Nascimento, commandante do 2.º batalhão de infantaria.

—As libras cotavam-se a 11\$180 réis.

(Continua.)

ACTUALIDADE

Duello

Eis como se levou a effeito em Buenos Aires o duello entre os Srs. Miguel do Pino e coronel Carlos Gaudencio, lance que concisamente já noticiamos.

Publicações feitas ha alguns dias revelam a possibilidade de levar ao terreno das armas a terminação de um incidente occorrido na «Rotisserie» entre o coronel Carlos Gaudencio e o Sr. Miguel do Pino.

Algumas difficuldades retrazaram o lance, como fica sufficientemente explicado pela seguinte acta preliminar:

Em Buenos Aires, a 6 de Abril de 1887, reunidos os Srs. general Daniel Soler a tenente-coronel Manoel Dantas, representantes do Sr. Carlos Gaudencio, e os Srs. Eliseo Azevedo e Bernabé Martinez, representantes do Sr. Miguel do Pino, abriram a conferencia manifestando que tendo-se esgotados meios conciliatorios apresentados por ambas as partes, julgavam inevitavel estabelecer as condições de um duello, effectuando do da seguinte forma:

1.º O duello não terá lugar até segunda-feira, 11 do corrente, explicando esta adiamento a circumstancia de ser os dias de Semana Santa.

2.º O duello será á pistola, designando-se por convenio mutuo o revolver Smith de nove millimetros.

3.º Os duellistas se collocarão a quarenta passos do distancia, podendo avançar, atirando ou sem atirar, dez passos cada um, e fazer uso da sua arma da maneira que lhes convier; isto é, preparando a arma a cada tiro ou atirando sem preparar segundo sua vontade.

4.º Si durante os cinco tiros algum ficar ferido, este terá o dever de manifestar com a palavra «tocho», desceendo da sua arma até que, por devido exame, seja reconhecida a gravidade do ferimento.

5.º Si depois dos desfechos dos cinco tiros resultar que nenhum dos combatentes está inutilizado, os representantes de ambas as partes declararão desde logo terminado o lance, considerando sufficientemente satisfeita a honra dos dous com a prova a que se submetteram.

Em virtude do anterior convenio e para que conste, firmamos dous do mesmo theor em Buenos Aires e com a mesma data com que se iniciou este documento. —B. Martinez.—Eliseo Azevedo.—Manoel S. Dantas.—Daniel Soler.

comprehendeu que eu via ao Hotel Dieu com a policia, e adiantou-se a fim de prevenir o cumprimento e dar-lhe a sua arma. E eu, que o tinha a meu alcance a policia á minha disposição para agarrar-lhe pela gola. . . . Que caiporismo! . . . Mas a car de elle estava gravada aqui, continuou Oscar, batendo na festa, tão bem como a do outro. . . . não ha de sair daqui!

Ouvio um toque do sineta, do lado dos grandes edificios do hospital.

—Esse é o toque de sahida da manhã, disse o porteiro. Queria desculpar-me, mas eu preciso ver quem sahio.

—E eu tambem, replicou Rigault, porque espero um amigo. Agradeço-lhe as indicações que teve a bondade de dar-me.

O porteiro tinha chegado á porta do seu quarto.

Rigault seguiu o.

O dia, como tanto frio, estava muito bonito.

Os raios do sol lançavam um nimbo de ouro no alto das torres do Notre Dame.

Ouviram-se passos, e o Lombriça appareceu no meio de um grupo de convalescentes, dos quaes era elle o mais alto.

Parecia ter emmagrecido ainda mais, coisa inverosimil! Estava de uma pallidez esverdeada e caminhava com difficuldade.

Oscar foi ao seu encontro.

—Estás vendo, meu velho, sou ho-

FOLHETIM DA PATRIA

O DR. ANGELO PAROLI

FOR

XAVIER DE MONTEPIN

TERCEIRA PARTE

XXVIII

vanaria por cumprimento do assassino do Jayme Bernier, mas a justiça humana chegava tarde; e perante o juiz supremo é que o Piemontez prestava as suas contas.

Na prefeitura estavam todos estupefactos e espantados com o oceano de trévas em que se achavam sem bussola. Os enigmas mysteriosos e insondaveis de tal amontado de crimes singulares, abysmavam.

Os delictes mais habéis perdiam a cabeça.

Só Oscar Rigault, contando só com o seu desesespera.

—Hei de conseguir! hei de conseguir! dizia elle de si para si. Hei de desembarçar a meada. Hei de pôr a mão na ponta do fio, que ha de revelar-me o segredo!

—Como?

Era pergunta que não fazia nem a si mesmo; contava com a sua habilidade e ao mesmo tempo, com algum acaso feliz que se apresentasse.

Entretanto, lembrava-se do homem que tinha visto na *Remedio da vibriceira* e que tinha tornado a ver no dia seguinte, á porta do Hotel Dieu.

A presença desse homem, coincidindo com a sua nos dous lugares, parecia-lhe pelo menos suspeita.

Lembrou-se tambem, repetidas vezes do tratante, que lhe tinha mettido no braço esquerdo uma bala de revolver.

Essa devia ser, e elle disse não tinha duvida, o principal, o verdadeiro culpado, o assassino de Jayme Bernier, o autor das duas tentativas de assassinar Emma Rosa.

—No dia em que o accessos puzer-me em presença de um ou de outro desses homens, dizia o ex-macete, só o largarei, se elle matar-me alli mesmo.

Angelo Paroli, avisado por Luigi da morte de Donato, não sentia mais nenhum desasoscego.

O seu moral tinha-se levantado. Tinha desaparecido todo o receio. Litteralmente esmagado durante algumas horas, ergueu-se mais energico do que nunca, prompto para desfechar o ultimo golpe.

Nessa noite, Oscar entrou em casa pela meia-noite.

Dormiu um pouco, lembrando-se do que tinha a fazer no dia seguinte.

Primeiramente, devia ás dez horas ir esperar o Lombriça no Hotel Dieu; mas a despeito do todo o pracer que teria em festejar esse camarada velho, gravemente ferido enquanto o defendia, contava não negligenciar por sua causa a

tarafa emprehendida e que queria levar a bom fim.

Durante a sua longa insomnia a lembrança do homem que encontrara duas vezes em frente ao hospicio e na *Remedio da vibriceira*, veio novamente impôr-se o tão fortemente que foi-lhe impossivel banhar.

Gerou-se-lhe no cerebro uma idéa.

Elle a virou por todos os lados, examinou-a por todas as faces, amadureceu-a, poliu-a e satisfeito consigo mesmo dormiu um pouco antes do amanhecer.

Esse sonho tão tardio não foi de longa duração.

A's oito horas Oscar abriu os olhos, saltou da cama e vestiu-se o mais depressa que pôde.

Dizemos o mais depressa que pôde pois o ferimento comquanto quasi cicatrizado, ainda o incommodava bastante quando tinha de fazer certos movimentos.

Sahio de casa ás oito horas e ás nove horas menos alguns minutos chegou ao Hotel Dieu.

Alli, entrou deliberadamente no quarto do porteiro.

—Que deseja o senhor? perguntou-lhe este.

Oscar poz-se na sua frente e disse:

—Conhece-me?

O porteiro, depois do o examinar durante um ou dous segundos, respondeu:

—Creio que já vi algures e ha pouco tempo.

—Poi aqui. . . hontem de manhã. . .

eu acompanhava o Sr. juiz de instrução e o Sr. chefe da segurança.

—Oh! perfectamente. . . Lembro-me. . . O senhor sahio uma hora depois desses senhores.

—E' isso mesmo, vejo que a sua memoria é boa.

—Esses senhores, vieram por causa de um certo Donato, um Piemontez, que morreu durante a noite.

—Justamente, e é a proposito desse mesmo Piemontez, que venho procural-o hoje.

—Estou ás suas ordens. Mas não vá bem como lhe posso ser util.

—Respondendo a algumas perguntas, a esta por

